

O conceito de formação, quando dilucidado pela filosofia da educação, torna-se um conceito polémico, não só porque o seu uso diverge ao ser situado ora no âmbito das Ciências da Educação, ora no da Filosofia da Educação, como também porque possui em si mesmo uma conotação axiológica que pode ser hodiernamente contestada.

O desenvolvimento das Ciências da Educação obedece a critérios epistemológicos de positividade e de objectividade na análise que realiza do processo da formação na docência, uma vez que tal aprendizagem se destina prioritariamente a fomentar no professor a aquisição de competências técnicas e funcionais. Por outro lado, a Filosofia da Educação procura compreender e desenvolver acerca da formação dos professores uma reflexão fundamentada em princípios educativos que a orientem em ordem ao desenvolvimento dos sujeitos que intervêm nesse acto educativo.

Professores e alunos, enquanto pessoas, são os agentes que mobilizam dimensões éticas, noéticas e relacionais, em estreita articulação com o saber em

Ética educativa e formação de professores

ISABEL SILVA

causa. Trata-se, pois, no primeiro caso, de uma visão que se desenvolve num plano científico (psicológico, sociológico, económico, tecnológico...), de consideração do acto educativo e que visa prever e controlar a performatividade do mesmo, enquanto que no segundo caso a visão que se pretende desenvolver é essencialmente reflexiva, compreensiva, criadora e realizativa dos fins da educação. No ensino da Filosofia, e concomitantemente no que diz respeito à formação na docência decorre do interior da própria 'vida filosófica', como uma exigência interna do pensar e do agir filosófico, e não como mera questão 'técnica'. Só assim se poderá salvar para o professor de filosofia um estatuto de 'mestria', muito para além

do estatuto de funcionário, transmissor-reprodutor de saberes ou de instrutor de competências.

À eticidade de uma postura radical face ao ensino da filosofia não é algo que se ensine a título de disciplina curricular a integrar num qualquer currículo de formação. É antes algo que deve ocorrer através de uma prática de ensino em que se vivenciem situações de intimidade com a própria filosofia, enquanto constitutivas de uma experiência humana ontológica e radical. Será esse um importante fundamento para subsequentes posturas deontológicas, bem como para uma ética educativa que se constitua como movimento de auto-criação e de descoberta do outro na aventura de 'viajar ou ser'. □

Fundamentos e pressupostos éticos do programa Lipman

MARIA JOSÉ FIGUEIROA-REGO

O conturbado final da década de 60 trouxe consigo a revolta de uma geração estudantil e o seu impacto na sociedade. É este cenário, nomeadamente a precariedade lógica e argumentativa existente em todos os sectores do ensino universitário, que inspira Matthew Lipman na criação de um programa educacional que lhe valerá a reputação de um dos maiores pedagogos da actualidade.

Certamente, parecerá curiosa esta relação de causa e efeito entre uma revolução social e a criação de um programa educacional destinado a um alveto tão vasto como seja o de todos os anos de escolaridade que antecedem o

ensino universitário. Lipman acredita que o aprender a pensar deve ser contemporâneo à aprendizagem de conteúdos. Ao desenvolver a crítica e a criatividade, um dos objectivos deste programa é o de incentivar os estudantes a responsabilizarem-se pela sua educação, tornando-se membros de pleno direito de uma comunidade de investigação, onde aprendem a cooperar com o outro numa procura de sentido. Esta cooperação, sob a forma de diálogo, só é possível ou eficaz quando baseada no respeito mútuo e orientada pelo rigor de um pensar consequente. A relação que o estudante estabelece com a escola e com a informação que recebe será como que um

modelo de uma futura relação entre o cidadão, a sociedade e os acontecimentos vividos.

Ao ser fortemente inspirado pela filosofia de John Dewey, que defende a concepção de que a Escola de hoje, por ser a sociedade, deverá igualmente ser o lugar por excelência das revoluções sociais, não é, portanto, de admirar que, tendo por base o pensar por si próprio e a interrogação filosófica original, o programa Lipman seja igualmente rotulado por alguns como o educar para a democracia. Trata-se, pois, de averiguar até que ponto essa aspiração é legítima. □

Universidade
Católica
Portuguesa:

“Uma realização
de longas
expectativas”